mento das acções de Investigação e Desenvolvimento Florestais.

4.4 Aspectos ecológicos

Quando se projecta a expansão de espécies exóticas como é o caso de *Eucaliptus globulus* e de algumas resinosas, ou de outras espécies florestais, em cultura intensiva ocupando grandes áreas (caso do pinheiro bravo) deveria ser norma considerar o impacte ambiental das mesmas.

No projecto em causa não se fazem referências a este aspecto apesar de, pelo menos em relação ao *E. globulus*, terem surgido nos últimos anos algumas críticas à sua expansão baseadas nas seguintes preocupações: consumos excessivos de água, esgotamento do solo, favorecimento da erosão, deterioração do valor estético da paisagem, empobrecimento das comunidades animais e vegetais, podendo provocar a extinção de espécies cinegéticas.

Enquanto estas e outras críticas não forem suficientemente estudadas parece-nos arriscado proceder à arborização de grandes áreas recorrendo a espécies que suscitem dúvidas quanto ao impacte ambiental pelas consequências irreversíveis que podem ter.

5. Balanço produção/ /consumo

O balanço produção/consumo apresentado no relatório baseia-se como é habitual na construção de modelos preditivos de produção e na análise das séries estatísticas sobre o consumo de material lenhoso. A construção de modelos preditivos de produção, para uma floresta onde predomina fortemente a propriedade privada sem planos de ordenamento nem legislação orientadora das operações culturais e de exploração, embora inevitável, é obviamente de resultados muito aleatórios, e deverá ser tão realista quanto possível.

As séries estatísticas sobre o consumo e as respectivas projecções, se são bastante consistentes para o eucalipto, onde a concentração das indústrias utilizadoras permite de facto informações objectivas, não o são para o caso do pinheiro bravo e outras

coníferas em que a extraordinária dispersão das indústrias transformadoras tem dificultado a existência de estatísticas consistentes.

Analisar-se-ão separadamente as questões relativas às duas espécies.

5.1 Eucalipto

O modelo apresentado caracteriza-se por ser complicado, optimista e pouco elaborado.

É complicado porque, pretendendo uma maior precisão nas previsões, vai dividir a superfície por diferentes capacidades de produção, atribuindo-as a diferentes entidades plantadoras. Para tal utiliza os números do inventário e subtrai as plantações de cada uma das empresas, incluindo no Sul a Direcção-Geral de Fomento Florestal. Chama-se a atenção para que no Sul estão considerados os aumentos de áreas desde o último inventário.

Ao pretender fazer a análise das variações anuais de produção ao longo do período, baseia-se, não só na distribuição das áreas por classes de idade dadas pelo inventário, como também nos ritmos de arborização das empresas e da DGFF.

O ritmo de plantação espectacular para o período de 1980-1985 (mais 157 800 ha) e os valores admitidos para os acréscimos médios anuais (valores médios para grandes áreas) são extraordinariamente optimistas. Só a Portucel, no Sul, plantaria 48 000 ha com uma produção média de 16 m³/ha/ano.

Por outro lado admite que na década de 70 a DGFF e empresas arborizaram 56 500 ha, apesar de indicar que no conjunto as empresas não ultrapassaram os 31 100 ha e ser manifestamente reconhecido que a DGFF tem um ritmo muito mais reduzido.

As produções são calculadas com base nos valores médios atribuídos ao volume na idade de corte, baseados, por um lado, no inventário e, por outro, nas previsões de volume de corte das empresas, admitida uma rotação e um acréscimo médio anual, o que parece um tratamento demasiado simplista.